

Adriana Braga - Pontifícia
Universidade Católica do Rio
de Janeiro
Email: adrianabraga@puc-rio.br

Édison Gastaldo - Centro de
Estudos de Pessoal e Forte
Duque de Caxias
Email:
edisongastaldo@yahoo.com.br



*Este trabalho está licenciado sob uma
licença [Creative Commons
Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).*

Copyright (©):

*Aos autores pertence o direito
exclusivo de utilização ou reprodução*

ISSN: 2175-8689

Evidências e inferências na pesquisa social

*Evidences and inferences
in social research*

Braga, Adriana & Gastaldo, Édison. Evidências e
inferências na pesquisa social. Revista Eco-Pós, v. 25, n.3,
p. 413-423. DOI: 10.29146/eco-ps.v25i3.27988

RESUMO

Resenha crítica do livro *Evidências: Sobre o bom uso de dados em ciências sociais*, de Howard S. Becker, lançado pela Editora Zahar em 2022. O texto ressalta a influência da Escola Sociológica de Chicago, da qual Becker é um ilustre representante, nos estudos de comunicação brasileiros, e a atualidade das questões de teorização metodológica apresentadas no livro. O exame de erros, evidências e inferências na pesquisa social e a discussão metodológica de pesquisas conhecidas no campo do trabalho sociológico são as contribuições mais ricas deste livro. Também apresenta uma articulação consistente sobre métodos de pesquisa quantitativo-qualitativos.

PALAVRAS-CHAVE: *Howard Becker; metodologia; Escola Sociológica de Chicago*

ABSTRACT

Critical review of the book *Evidence: On the Good Use of Data in Social Sciences*, by Howard S. Becker, released by Zahar Publishers in 2022. The text highlights the influence of the Sociological School of Chicago, of which Becker is an illustrious representative, in Brazilian studies of communication, and the topicality of the methodological theorizing issues presented in the book. The examination of errors, evidences, and inferences in social research and the methodological discussion of well-known research in the field of sociological work are the richest contributions of this book. It also presents an impressive position on quantitative-qualitative research methods. It also presents a consistent articulation of quantitative-qualitative research methods.

KEYWORDS: *Howard Becker; methodology; Chicago School of Sociology*

A investigação científica sobre metodologia aplicada às ciências sociais acaba de ganhar uma referência bibliográfica importante no Brasil. *Evidências* (Zahar, 2022), livro mais recente de Howard S. Becker, vem se juntar a uma série de livros do autor dedicados a ajudar cientistas do vasto campo das Humanidades a lidar com os desafios metodológicos apresentados no desenvolvimento do trabalho científico.

Esta temática está presente na obra de Becker há muito tempo. Já no seu primeiro livro publicado no Brasil, a hoje antológica coletânea *Uma Teoria da Ação Coletiva* (Zahar, 1975), foram incluídos alguns capítulos de *Sociological Work: method and substance* (Aldine, 1970), como “De que lado estamos?” e “Problemas na publicação de estudos de campo”. Em ambos, a mesma preocupação de Becker com o fazer pesquisa social considerado como uma atividade prática, profissional e coletiva, na qual pessoas reais se empenham por anos para produzir seu trabalho:

livros, artigos, teses e dissertações. Nos últimos anos, na coleção Antropologia Social da Editora Zahar, têm sido disponibilizados em língua portuguesa vários destes escritos, seja como livros completos ou coletâneas, como *Segredos e Truques da Pesquisa* (Zahar, 2007) e *Truques da Escrita* (Zahar, 2015). Para melhor compreensão do quadro teórico de Becker, dedicaremos alguns parágrafos para articular a perspectiva da Escola de Chicago aos estudos de comunicação contemporâneos.

A Escola de Chicago e a Comunicação¹

Desde quando os primeiros cursos de comunicação foram fundados no Brasil, nos anos 1940, a teoria dominante tem sido a teoria cibernética desenvolvida na Universidade de Columbia, para quem a comunicação é entendida como transmissão de informação entre emissor/es e receptor/es. A teoria antropológica derivada da Escola de Chicago vê a comunicação como interação entre pessoas, em que cada participante desempenha uma parte em um processo coletivo de produção de sentido. Há autores – Yves Winkin (1998) e James Carey (1992), por exemplo – que denominam a teoria da comunicação cibernética como "transmissional" ou "telegráfica", e a de Chicago como "ritual" ou "orquestral", por enfatizar a dimensão coletiva, de interação social envolvida em qualquer processo de comunicação.

Os traços mais distintivos da perspectiva de Chicago seriam a) a ênfase metodológica na pesquisa empírica – etnográfica, em particular; b) o foco na análise de situações sociais particulares (também chamada de 'microsociologia'); e c) a exploração do fenômeno urbano como campo de pesquisa preferencial.

O Departamento de Sociologia da Universidade de Chicago nasceu junto com a própria universidade, em 1890. Sua estrutura acadêmica era diferenciada com relação às tradicionais universidades americanas, que operavam em sistema de

¹ O argumento central deste tópico foi desenvolvido em artigo anterior (BRAGA e GASTALDO, 2009)

cátedra vitalícia, onde a vida intelectual de cada departamento gravitava em torno da figura de um catedrático. Em Chicago, havia uma grande interlocução entre os diferentes departamentos e, sem catedráticos, promoveram uma grande inovação teórica e metodológica no pensamento social – fundamentadas justamente no trânsito interdisciplinar.

A Escola Sociológica de Chicago, articulando saberes da Semiótica, Filosofia, Psicologia, Antropologia, Comunicação, Educação e Sociologia deixou uma forte marca nas ciências sociais e humanas contemporâneas, fornecendo um legado que ultrapassa os estreitos limites disciplinares com que até hoje ainda temos que lidar. A ênfase no ponto de vista das pessoas comuns, a concepção de um mundo social resultante de interações sociais de pequena escala e a consideração de que a sociabilidade é muito mais que futilidade fazem da perspectiva teórico metodológica de Chicago um aporte fundamental para os estudos de comunicação contemporâneos, particularmente no Brasil, país em que a comunicação interpessoal e a sociabilidade desempenham um papel estruturante de toda a sociedade.

O período em que o Departamento de Sociologia da Universidade de Chicago dominou a cena acadêmica norte-americana (entre os anos 1920 e 1950) foi também o período em que surgiram e foram implementados os meios de comunicação de massa eletrônicos naquela sociedade: o rádio, nos anos 1920, e a televisão, a partir dos anos 1930. As profundas transformações ocorridas nos Estados Unidos ao longo do século XX e a participação das mídias eletrônicas neste processo foram percebidas e analisadas, ainda que inicialmente, por pesquisadores/as desta tradição, como os estudos de Robert Park sobre a imprensa, o programa metodológico de Blumer (1969) para estudar a comunicação de massa e o estudo pioneiro do casal Lang (1976) sobre a transmissão ao vivo de um evento pela televisão, em 1948. (BRAGA e GASTALDO, 2009, p. 79)

Os desdobramentos e possibilidades desta perspectiva de pesquisa apontam para seu vigor como estratégia epistemológica nas ciências da comunicação brasileiras, fomentando estudos de comunicação centrados nas pessoas e suas interações, e ao modo como elas, coletivamente, produzem o universo de fenômenos que estudamos.

Sobre 'Evidências'

O nome de Howard Becker por si dispensaria apresentações. Trata-se de um autor legendário, com quase 95 anos, o autor mais longevo da sociologia contemporânea, o último membro vivo da Escola Sociológica de Chicago, movimento intelectual que entre os anos 1920 e 1950 marcou a história das ciências sociais. Hoje, ativo e interessado no universo da investigação sociológica profissional, o professor Becker nos brinda com um livro extraordinário. *Evidências: Sobre o bom uso de dados em Ciências Sociais* (BECKER, 2022) busca problematizar o modo pelo qual cientistas sociais relacionam o universo abstrato de seus esquemas teóricos e conceituais à concretude dos processos sociais que suas pesquisas investigam. Este tema já havia sido tratado por Becker em um capítulo publicado em português na coletânea *Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais* (Hucitec, 1998), chamado “Problemas de Inferência e Prova na Observação Participante”, mas no livro atual esta questão ganha pleno desenvolvimento.

O tema principal do livro *Evidências* consiste nas condições sociais de produção dos dados, e inclui tanto a mediação realizada pela organização de dados que possam servir como evidência de uma ideia geral, geralmente chamada “teoria” ou “conceito” (normalmente aplicados *a priori*), quanto às condições sociais de obtenção desses dados. Considerada assim, de maneira abstrata, a pesquisa social parece ser simples. Porém, mesmo categorias consagradas e aparentemente inequívocas como ‘classe social’, ‘gênero’, ‘grupo étnico’, ‘religião’, ‘local de residência’ ou ‘profissão’ podem se mostrar muito problemáticas quando o mundo real se manifesta nas respostas dadas às entrevistas ou questionários feitos em campo.

Becker ensina como aprender com os erros inevitáveis do fazer pesquisa. Assim, dedica a maior parte de seu livro a identificar tipos de erros comuns e os relaciona às atitudes profissionais que, ao ignorá-los, permitem a sua persistência.

Sobre isso, ele é enfático: “Se seus dados contêm esse tipo de erro, não lidar com ele só pode produzir mais erro. Se você sabe que pode ter dados mais confiáveis para sustentar seu argumento, você deveria rearranjar suas prioridades de pesquisa de modo a coletá-los” (BECKER, 2022, p. 35).

Já nas primeiras páginas de seu livro, Becker traz à luz um bom exemplo: uma pesquisa sociológica feita nos Estados Unidos no início dos anos 1960. Os autores buscavam investigar a relação entre classe social e desempenho escolar em crianças. A questão é que o instrumento convencionado para atribuir uma posição de “classe social” a cada criança – o chamado “índice de Hollingshead” – era vago ou impreciso em cerca de um quarto dos casos, o que comprometia seriamente os resultados do levantamento. O problema estava na estrutura interacional montada para obtenção dos dados, ou seja, *os termos* com que a entrevista padronizada colocava a questão sobre a ocupação do pai, ou seu substituto, que muitas vezes não era compreendida ou respondida de forma vaga por um número significativo de crianças. A questão de fundo que Becker coloca é justamente sobre a *relação* que cientistas sociais estabelecem entre um dado (neste caso, a resposta da criança à pergunta de um questionário) e uma evidência (ocupação do pai) como fundamentos lógicos para sustentar uma ideia (a de que a classe social de uma criança, conforme definido pela pesquisa, afeta seu desempenho escolar).

A segunda parte do livro trata de um importante aporte metodológico para pesquisas em ciências sociais, comunicação e áreas afins: bases de dados de referência produzidos por outras pessoas e instituições, como Censos, estatísticas “oficiais” (registros de delegacias, escolas, hospitais, etc), bem como informações produzidas por pessoas voluntárias ou contratadas. Em cada um dos casos, há uma situação social na qual os dados são organizados, e que deve ser levada em conta. O encadeamento lógico por meio do qual as “teorias” são legitimadas pelos dados transformados em “evidências” também não escapa do olhar arguto de Becker.

Como exemplo, ninguém menos que Pierre Bourdieu (1979) tem sua pesquisa sobre gosto de classe e distinção social examinada em detalhe.

David Halle pôs em dúvida a validade das ideias de Bourdieu sobre capital cultural. (...) Ele comparou os gostos “intelectuais”, ou da “margem esquerda”, com os gostos da “margem direita”, ou dos burgueses, em termos de preferência pelas obras de pintores contemporâneos versus mais antigos. Para Bourdieu, o estado de espírito favorável a Renoir em oposição a Kandinski condensava diferenças de classe em termos de gosto. Quais são suas evidências? Diagramas incompreensíveis mostravam preferências por Renoir, mas não há nenhuma informação relatada nesse denso livro que faça a tabulação cruzada direta desses tipos de gosto com as populações das margens esquerda e direita. (...) Simplesmente não há evidências que indiquem uma divergência substancial de classe nas preferências por esses pintores. (BECKER, 2022, p. 265-6)

De acordo com a teoria de Bourdieu, o gosto artístico de grupos trabalhadores estaria mais ligado ao clássico, ao figurativo, às cores suaves do impressionismo, como na obra de Renoir. Já as elites intelectualizadas tenderiam a gostar do expressionismo abstrato e dos contrastes fortes de Kandinski. Porém, quando examinados em detalhe, os dados levantados por Bourdieu mostram apenas uma ligeira prevalência de Renoir entre o grupo de trabalhadoras/es, dentro da margem de erro; enquanto isso, membros das “elites” mesmo que apontassem mais vezes Kandinski que as/os trabalhadoras/es, ainda preferiam quatro vezes mais Renoir do que Kandinski.

Para Becker, a pesquisa em ciências sociais deve ser considerada como uma *ação coletiva*, do mesmo modo que os mundos da arte. É muito raro que uma pesquisa seja feita por uma única pessoa. Mesmo liderada por um/a pesquisador/a, sempre será preciso articular-se com informantes, motoristas, bibliotecárias/os, secretárias/os, funcionárias/os públicos, representantes das agências de fomento, etc. Além de parentes, amigas/os, cônjuges, filhas/os, etc, como todas as páginas de agradecimento de dissertações e teses evidenciam.

Assim, o propósito do livro é lançar luz sobre a “caixa-preta” metodológica das pesquisas em ciências sociais e humanas. Quando se noticiam resultados de pesquisa, a ênfase costuma ser dada aos resultados, às conclusões, tomando-se a metodologia como dada: “pesquisa mostra que a prática de crimes é maior nas camadas mais baixas da população”. Na abordagem de Becker, fica claro que o mais importante são os métodos usados para demonstrar tais resultados, e como os dados foram transformados em evidências.

Que tipos de atividade criminosa foram levados em conta pelos/as pesquisadores/as? Neste exemplo, Becker aponta que foi preciso criar uma categoria sociológica nova, os “crimes do colarinho branco”, como corrupção, favorecimento, nepotismo, fraude fiscal, etc. que não haviam sido incluídos nas estatísticas – e que, aliás, raramente resultavam em prisão.

Becker também se posiciona com relação a um velho debate que volta à cena de tempos em tempos: a pretensa oposição entre pesquisas realizadas com métodos quantitativos e qualitativos, com evidente prejuízo para ambas/os.

Na verdade é a mesma velha história: protagonistas quantitativos tentam aplacar as queixas de seus críticos qualitativos e sugerem o trabalho útil que eles poderiam estar fazendo e vice-versa. (...) É tolice dizer que “nós” estamos estudando como as pessoas “realmente vivem”, enquanto “vocês” estão analisando meros artefatos estatísticos. Ou, ao contrário, que “nós” estamos medindo coisas cientificamente enquanto “vocês” estão apenas escrevendo ficção de segunda categoria. A divisão de trabalho é mais interessante do que isso. Os diferentes trabalhos se interpenetram, e o pesquisador inteligente faz o que precisa ser feito no momento adequado. (BECKER, 2022, pp. 104-105)

Outro ponto importante a destacar é a crítica de Becker ao uso de categorias convencionais, que são simplesmente tomadas como dadas, como a noção de “classe social”. A crítica vem de que, uma vez empregados, esses conceitos se tornam “rótulos” redutores, uma generalização abstrata indevida que impede que se veja a multiplicidade de diferenças entre membros de uma suposta mesma classe social.

Becker dedica toda a segunda parte do livro, *Quem coleta os dados e como faz isso?*, à discussão sobre o trabalho de coletoras/es de dados ‘não científicos’, voluntárias/os que relatam fatos sobre si mesmas/os, pessoas contratadas e/ou assistentes de pesquisa. Como sempre, um exemplo claro: faz alguns anos, um levantamento sobre confiança interpessoal na população americana apontou índices alarmantes de crescimento no isolamento social. Entre as rápidas reações midiáticas atribuindo tal fato ao surgimento das redes sociais e aos celulares, o reexame das planilhas de dados verificou que havia um subgrupo relevante dos entrevistadoras/es que tinham “apressado” as entrevistas, deixando de fazer todas as perguntas e não anotando completamente as respostas. Considerados no total da amostra, esses questionários ‘fora do padrão’ produziram um erro estatístico grosseiro, que comprometeu a pesquisa como um todo.

Em todos esses exemplos, o livro convida a/o leitor/a a pensar suas próprias práticas de pesquisa: de onde vêm nossos dados? Em que contexto eles são produzidos? Que pessoas interagem para que uma situação social venha a ocorrer? Como lidar com erros? Para tomar a pesquisa como um fenômeno social, é importante lembrar a lição de Becker na entrevista concedida para o documentário “Howie & os Outsiders” (BRAGA, 2021): “A sociologia trata de coisas que as pessoas fazem juntas, de *como* elas fazem as coisas juntas. O ‘juntas’ é a parte importante”.

Assim como pesquisadoras/es profissionais – experientes ou em formação – , estudantes e docentes do vasto colégio das Humanidades têm muito a aprender com este livro. Tanto para desenvolver suas próprias pesquisas e orientar o desenvolvimento de estudantes, quanto para ler criticamente o resultado de estudos baseados em evidências, dados e teorias.

Uma oferta generosa de um grande mestre.

Referências bibliográficas:

- BECKER, Howard S. *Evidências: Sobre o bom uso de dados em Ciências Sociais*. Rio de Janeiro, Zahar, 2022.
- _____. *Sociological Work: Method and Substance*. New York, Routledge, 1970.
- _____. *Uma Teoria da Ação Coletiva*. Rio de Janeiro, Zahar, 1977.
- _____. *Segredos e Truques da Pesquisa*. Rio de Janeiro, Zahar, 2007.
- _____. *Truques da Escrita: Para começar e terminar teses, livros e artigos*. Rio de Janeiro, 2014.
- _____. *Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais*. São Paulo, Hucitec, 1994.
- BOURDIEU, Pierre. *A Distinção: Crítica social do julgamento*. São Paulo, EDUSP, 2007 [1979].
- BRAGA, Adriana e GASTALDO, Édison. O legado de Chicago e os estudos de comunicação. Porto Alegre, FAMECOS n.39, 2009.
- CAREY, James. *Communication as Culture*. New York, Routledge, 1992.
- WINKIN, Yves. *A Nova Comunicação*. Campinas, Papirus, 1998.

Filme-documentário:

- BRAGA, Adriana. *Howie & os Outsiders: A Escola de Chicago e os estudos de Comunicação no Brasil*. Ancine, 2021.
- Acesso: <https://youtu.be/kbjsii8bfU>

Adriana Braga – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

É Professora Associada no Departamento de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Bolsista de Produtividade (PQ/CNPq) e Cientista do Nosso Estado (CNE/FAPERJ). Presidenta da Media Ecology Association (MEA/EUA). Autora dos livros *AI and the Singularity* (com Robert Logan, MDPI, 2020), *Introdução à Ecologia das Mídias* (com Lance Strate e Paul Levinson, Ed. Loyola, 2019), *Personas Materno Eletrônicas* (Sulina, 2008), *Corpo-Verão* (Ed. PUC-Rio, 2016) entre outros. Diretora do documentário *Howie & os Outsiders* (Brasil/USA/França/Portugal, 2021, 62min).

Email: adrianabraga@puc-rio.br

Édison Gastaldo - Centro de Estudos de Pessoal e Forte Duque de Caxias
É antropólogo, docente e pesquisador no Centro de Estudos de Pessoal e Forte Duque de Caxias, no Rio de Janeiro. Autor dos livros *Pátria, Chuteiras e Propaganda* (AnnaBlume/Unisinos, 2002), *Erving Goffman, desbravador do cotidiano* (Tomo, 2004), *Nações em Campo* (com Simoni Guedes, Intertexto, 2006), *Publicidade e Sociedade* (Sulina, 2013) e *Etnometodologia & Análise da Conversa* (com Rod Watson, Vozes, 2015). Diretor do documentário *Torcedores: vida paixão e morte no país do futebol* (Brasil, 2019, 66min)
Email: edisongastaldo@yahoo.com.br